

A DOIS PASSOS DO PARAÍSO





AVESSO A MUDANÇAS, O ARQUITETO ARTHUR CASAS CONCLUIU UM PROJETO QUE PROMETIA OUTRO RITMO DE VIDA E ACABOU SEDUZIDO POR UM NOVO ENDEREÇO

O arquiteto Arthur Casas anda mais *zen* ultimamente. De segunda à sexta, chova ou faça sol, pouco antes das 17 horas, ele levanta da cadeira no seu escritório no bairro do Pacaembu, em São Paulo, e vai para casa. “Preciso de, pelo menos, uma hora sozinho, quieto, sem ter que pensar”, diz. “Às vezes, ligo a TV e nem vejo nada”. É uma forma de meditação de alguém que se diz incapaz de meditar. “Passo o dia inteiro tendo que falar tanto, com tanta gente, que preciso desse silêncio só para mim”, afirma. Talvez o casamento com Elisa, professora de ioga e agora também perfumista, responda por esse novo ritmo. E para além do aroma produzido por ela espalhado no ar, há mesmo muito por que querer voltar para casa. O novo apartamento, para onde o casal se mudou há um ano, é seu projeto definitivo de morada. Depois de 34 anos vivendo na casa dos anos 1940 erguida pelo arquiteto Vilanova Artigas, no bairro do Pacaembu, Arthur agora ocupa o vigésimo nono andar de um espigão moderno, parte de um complexo projetado por ele, que inclui um hotel, *boulangerie* e restaurante pilotados por Charlô Whately, um bar de *jazz*, além de um *spa* da L’Occitane.



A maioria dos objetos, tapeçarias, cerâmicas e esculturas, Arthur comprou em suas andanças pelo mundo. Com exceção dos desenhados por ele, não há móveis brasileiros. No abre, a mesa de jantar e sua coleção de cerâmicas; ele posa tendo ao fundo o *skylab* da cidade

Do alto do novo endereço, ele tem a cidade aos seus pés. Ao entrar no apartamento, a porta se abre para uma área social contínua com janelões formando um grande vão de transparência que emoldura uma paisagem quase inacreditável. A sala de estar, a de jantar e o *home theater* se conectam, tendo a cozinha no ponto central da cena. Cada detalhe, do *layout* à marcenaria, foi pensado por ele para um estilo de vida mais urbano e prático. As paredes forradas de folhas de carvalho camuflam armários onde estão louças, eletrodomésticos e toda sorte de utensílios, otimizando espaço sem provocar nenhum ruído estético no ambiente social.

Dos quadros à coleção de carros em miniatura, das sapateiras até a cama do filho João, tudo ocupa superfícies, encaixes e nichos concebidos para aproveitar cada milímetro da planta. “Tudo foi feito para caber”, diz. “Brinco com meus amigos que moro em um *motor home*, porque tudo é encaixado”. Comparar o apartamento de 300 metros quadrados a um *trailer* moderno é um exagero que cabe no charme de quem conversa com a sofisticação com a intimidade de um velho amigo no bar. “Há muito tempo, eu imaginava morar em um apartamento mais compacto do que minha antiga casa. Quando surgiu este projeto, era o que eu esperava deste novo modelo de edifícios funcionais”, explica.

“A sua casa precisa ter a sua história. Não dá para se desfazer, virar a página. A casa acaba sendo o lugar onde você organiza essa história de alguma forma.”





Com passe livre para o Relais & Châteaux dos *motor-homes*, o apartamento compacto de Arthur Casas inclui requintes técnicos meticulosamente integrados, como ar-condicionado invisível, piso com aquecimento, sistema contra a umidade, sensores inteligentes e automação total. A iluminação, com luminárias que distribuem o foco sem interferir na arquitetura e nas obras de arte, joga luz nas coleções e objetos, xodós do dono da casa. Do antigo endereço, Arthur trouxe apenas alguns quadros, esculturas e fotografias. No corredor para a área íntima, há trabalhos de Pierre Verger, Cristiano Mascaro, Bob Wolfenson e Mario Cravo Neto, entre outros bambas.

Acumulador assumido, ele tem o hábito de ir comprando peças ao redor do mundo, especialmente objetos de design *vintage*. “Tenho vontade de comprar mais, mas fico me segurando, porque não tenho onde botar”, revela. A primeira aquisição, uma escultura arrematada há mais de 40 anos em um antiquário em São Paulo, segue com ele desde o primeiro endereço na capital. Dito de outro modo, com calma e inteligência: “A sua casa precisa ter a sua história. Não dá para se desfazer, virar a página. A casa acaba sendo o lugar onde você organiza essa história de alguma forma”.

No mobiliário, há algumas peças criadas por ele, como o sofá Fusca para a Micasa, e a mesa de centro, sobre a qual repousa uma magnífica seleção de cerâmicas Bordallo Pinheiro, com criações de Ai Weiwei, Tunga e Rosângela Rennó.

No *living*, sofá Fusca desenhado para a Micasa. Obras de José Dasmaceno, Otto Stupakoff, Carlioto Carvalhosa, Jacques Lipchitz, Waltercio Caldas, Gustavo Nazareno, Jean Cocteau e Frans Krajcberg. Na mesa de centro, também assinada por Arthur, destaque para a coleção de cerâmicas da portuguesa Bordallo Pinheiro. As poltronas são Bauhaus



“Preciso de, pelo menos, uma hora sozinho, quieto, sem ter que pensar. Às vezes, ligo a TV e nem vejo nada.”





Na suíte, poltrona de Giuseppe Scapinelli e obras de Flavio de Carvalho, Di Cavalcanti, Athos Bulcão, Genaro de Carvalho, Antonio Gomide, Ismael Nery, Tarsila do Amaral, entre outros. A roupa de cama é da linha desenvolvida por Arthur para a Trousseau. Na outra pág., na parede do escritório, os carrinhos *vintage* de sua coleção e um mapa-múndi

Na falta de um lugar ideal para expor os delicados repteis e outras espécies extravagantes, Arthur encapsulou, uma a uma, as cerâmicas em caixas de acrílico e as dispôs sobre a mesa. Nas paredes do *living*, há obras de Mira Schendel, Carlito Carvalhosa, Anna Maria Maiolino, Otto Stupakoff e Waltercio Caldas. A maior parte dos móveis, como a poltrona Elda (Joe Colombo), foi comprada em outros países.

O cotidiano em um lugar onde um *croissant* fresquinho está a poucos passos do elevador ou é possível descer para uma massagem no final do dia flerta com a imagem da plenitude absoluta. “Eu posso ligar para o Charlô e pedir comida aqui. Fazemos isso de vez em quando. Vem o garçom e serve aqui em cima”, diz. É um dia a dia agradável, de quem bebe do passado, vive o presente e desenha os contornos do futuro. Antevendo os dias em que os filhos alçarão voo solo, ele já se enxerga lá na frente, com Elisa e a cachorra Luna naquele lugar vocacionado à perfeição. “Não me vejo em outro lugar”, conclui.

— E seu apartamento em Nova York, Arthur, ainda o tem?

— Tenho, mas vou bem menos. Antes, ia até dez vezes por ano. Agora, só três ou quatro, às vezes só para tomar meu Dry Martini.

“A sua casa precisa ter
a sua história. Não dá
para se desfazer, virar
a página. A casa acaba
sendo o lugar onde você
organiza essa história
de alguma forma.”

